

## **AUTISTA FALA E PENSA**

### **UM ESTUDO SOBRE A MEDIAÇÃO DA MATERNAGEM E PATERNAGEM**

Rosa Maria Prista<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

O artigo retrata o primeiro estudo científico desenvolvido pela ESCOLA DE AUTISTAS. Objetiva discutir a aprendizagem e o desenvolvimento destas pessoas nas relações estabelecidas com os adultos responsáveis pela maternagem e paternagem. Através de pesquisas bibliográficas e de campo foi possível encontrar caminhos que permitissem a mudança paradigmática. Este artigo foca um recorte nesta pesquisa e desenvolve discussões sobre a dinâmica das configurações familiares e nas estratégias de mediações que facilitam ou empobrecem a aprendizagem e o desenvolvimento do autista e dos membros familiares. A pesquisa foi realizada com dez famílias com crianças entre dois e sete anos e teve a mediação como unidade de análise em espaço de livre expressão tendo como meta "brincar". Os encontros foram gravados em vídeos e analisados posteriormente. Dois aspectos foram chaves: a interação e as estratégias em ajudar o filho a brincar. A análise mostrou que a aprendizagem do autista depende da forma intencional como me dirijo ao outro e mostra a descontinuidade e rupturas entre o movimento dos pais neste contexto. Aponta para caminhos clínicos no tecer da configuração familiar.

**Palavras-chave:** autismo; maternagem; paternagem; configurações familiares; aprendizagem; desenvolvimento.

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia e Qualidade de Vida, neuropsicóloga, especialista em Psicologia Clínica, psicomotricista, psicopedagoga, diretora científica da Escola de Autistas do RJ, titular da Associação Brasileira de Psicomotricidade coordenando a formação sistêmica. Autora de obras científicas.

Rua Arquias Cordeiro, 614 sobrado 201 - Cep: 20770-000 - Méier – Rio de Janeiro – RJ.

E-mail: rosamprista@gmail.com

## **AUTIST SPEAKS AND THINKS**

### **A STUDY ABOUT THE MEDIATION BETWEEN MOTHERHOOD AND PATERNITY**

#### **ABSTRACT**

This article talks about the first scientific study made by the Autist's School. The objective is to discuss the learning and the development of these people in the relationship with the adults that are responsible for the motherhood and paternity. Through the research on the bibliography and the field research it was possible to find ways that allowed a paradigmatic change. This article focus on a cutting in this research and develop a discuss about familiar configuration dynamic and the strategies of the mediation that facilitate or make the learning poor and the development of the autist and the familiar member. The reaserch was realized with ten families with kids between two and seven years old and had the mediation with the unit of the analysis in a place that they were free to express themselves and the objective was "playing". The meetings were all recorded and analysed later. There were two important aspects: the interation and the strategies to help their son to play. The analysis showed that the autist's learning depends on the intentional way how I deal with the other and shows discontinuity and a cut between their parents' movement in this context. It points to a clinic way concerning the family configuration.

**Key words:** autism; motherhood; paternity; family configurations; learning; development.

## **AUTISTA HABLA Y PIENSA**

### **UN ESTUDIO SOBRE LA MEDIACION DE LA MATERNIDAD Y LA PATERNIDAD**

#### **RESUMEN**

El artículo retrata el primer estudio científico realizado por La ESCUELA DE AUTISTAS. Objetiva el desenvolvimiento de estas personas en las relaciones establecidas con los adultos responsables por la maternidad y la paternidad. Atravez de investigaciones bibliográficas e de campo fue posible emcontrar cminos que permiten La mudansa paradigmática. Este aticulo enfoca um recorte em este estudio y desenvuelve discusiones sobre La dinâmica de las configuraciones familiares y em las estrategias de mediaciones que facilitan o empobrezen el aprendizaje y el desenvolvimiento del autista y de los miembros familiares. La investigacion fue realizada com diez

y com niños entre dos y siete años de edad y hubo una mediacion como unidadde analise em espacio de livre exprecion teniendo como meta "jugar". Lós encuentros fueron gravados em videos y analizados posteriormente. Dos aspectos fueron claves: La interaccion y las estratégias em ayudar su hijo a jugar. el analise mostro que el aprendizaje Del autisa depende de La forma intencional como e dirijo al outro y me muestra La descontinuidad y rupturas entre el movimiento del pais em este contexto. Apunta para caminos clínicos en La construccion de la configuracion familiar.

**Palabras clave:** autismo; maternidade; paternidade; configuraciones familiares; aprendizaje; desenvolvimento.

### **A Escola de Autistas. Um programa continente**

A Escola de Autistas é um programa continente do Centro de Estudos da Criança- CEC. Quando este programa foi pensado uma situação crítica foi vivenciada na rede oficial de ensino do Rio de Janeiro. O vivenciado era um quadro de exclusão das pessoas com autismo. Turmas numerosas, professores não disponíveis, estagiários não capacitados. O conhecimento empírico predominava. Divididos entre atendimentos multidisciplinares, o autista acabava ficando cada vez mais dilacerado. Tal situação foi desafiante para se pensar na possibilidade de ousar. Ficar na queixa e na crítica era sinal de retrocesso. Assim, em 2012 a Escola de Autistas foi inaugurada como um espaço de aprendizagem e de desenvolvimento e tornou-se o lema da equipe.

Em tempos de globalização o campo da saúde e da educação tem sido penetrado pela valorização material em detrimento da complexa vertente humana. O autismo é uma síndrome incógnita e é sob a vertente do paradigma da complexidade que deve ser discutida. Temos falado muitas coisas sobre os autistas e suas família, temos definido metodologias, mas muito pouco, avançamos no que tange a ouvi-los em suas configurações familiares que façam jus a rica literatura deixada por autores que compreenderam o ser humano nas teias de relações sociais.

O funcionamento é de quatro horas diárias de estimulação transdisciplinar. Acoplada ao programa dos autistas encontra-se a Escola de Pais onde estratégias perceptivas são trabalhadas na possibilidade de criação de novas mediações.

## **Quem são as pessoas autistas?**

A convivência com os autistas provocam sensações viscerais nos profissionais disponíveis a atuar com eles, pois é na possibilidade da livre expressão, da disponibilidade a uma linguagem pré-verbal que conseguimos estabelecer fios a serem tecidos no complexo caminho de criar vínculos.

A palavra autismo é oriunda da palavra grega “autos” que significa “si mesmo”. Esta noção deu base para grandes distorções que persistem até os dias atuais. Na direção paradigmática assumida consideramos que antes de 1943 temos um momento significativo quando o autismo era considerado um sintoma extremo de alienação dos casos de esquizofrenia. Há nos estudos psiquiátricos da época de 1906 citações da palavra autismo referindo-se a psicoses e esquizofrenia citadas por Plouller e em 1911 por Bleuler quando referia-se aos casos com limitações nas relações sociais.

Um outro grupo de pesquisas surgem a partir de 1943 quando Kanner descreveu um quadro denominado “distúrbio autístico de contato afetivo” a partir do agrupamento de atitudes e comportamentos de onze crianças analisadas. “Desde 1938 têm chamado a minha atenção algumas crianças cujas condições diferem de forma marcante e tão específica de qualquer coisa que cada caso até agora registrado...” (Kanner, 1943 apud AMA, 2013). São iniciais observações que mudarão para sempre o olhar sobre estas pessoas pois o estudo de Kanner é um marco em diferenciar o autismo de todos os outros indiferenciados na época. Paralelamente Asperger (1944) descreveu um grupo de crianças que mostravam alguns traços autísticos – dificuldade de interação social e tendência a comportamentos repetitivos e estereotipados, mas com inteligência superior à média. Meio século depois a Síndrome de Asperger passou a constar no DSM-IV.

Em 1947 foram encontrados registros de Laretta Bender usando o termo esquizofrenia infantil para os casos de autismo. Em 1956 outros registros psiquiátricos falam de pseudo - retardo ou pseudo - deficiente. Em 1949, Rank descreveu crianças autistas como “desenvolvimento atípico do ego”. Já em 1952, Margaret Mahler por sua vez fará uma diferença entre esquizofrenia infantil e psicose infantil, fato fundamental para distinguir os estados de psicose infantil e autismo. Definiu autismo como uma reação traumática a experiência de separação materna, que envolvia o predomínio de sensações desorganizadas, levando a um colapso depressivo. Muitos autores confundiram seus estudos por ausência de leitura epistemológica sobre o desenvolvimento infantil e consideraram que ela atribuía a mãe a causa do autismo. O que ela tentava mostrar ao mundo

científico, era como todos nós construímos nossa personalidade a partir da diferenciação dos atos da mãe quando esta significa este processo de evolução psíquica.

Em 1966 Ajuriaguerra introduz uma visão sistêmica mostrando a falta de unidade, a ruptura entre motricidade e psiquismo e que esta não pode ser compreendida sem integrar a patologia do adulto que forma a pessoa autista. Muitas obras nesta época falavam da “mãe geladeira” e a ruptura entre o biológico e o psicológico foi marcante. Em 1968, Kanner sinalizou as falhas em se produzirem evidências neurológicas, metabólicas ou cromossômicas neste distúrbio. Ao mesmo tempo, frisa a importância do diagnóstico diferencial com deficientes mentais e afásicos. Em 1976 surge o livro: “Autism: diagnosis, current research and management” de Ritvo que sinaliza um problema de desenvolvimento frisando e demarcando que muitas crianças apresentavam déficits cognitivos. É neste momento que a correlação com a deficiência mental é intensificada e mantém-se na atualidade. Em 1992, Burack reforça a ideia de déficit cognitivo, frisando que 70 a 85% dos autistas são deficientes mentais. Em 1997 Assumpção Junior informa: “a escola francesa, fiel à concepção do que foi o termo “psicose”, remete-se a um defeito de organização ou a uma desorganização da personalidade”. Em 1991, Housel enquadra o autismo dentro desta categoria assim como o CID-9-Classificação Internacional. Em 2000 a definição do CID – 10 informa: Autismo infantil: Transtorno global do desenvolvimento caracterizado por: a) um desenvolvimento anormal ou alterado, manifestado antes da idade de três anos, e b) apresentando uma perturbação característica do funcionamento em cada um dos três domínios seguintes: interações sociais, comunicação, comportamento focalizado e repetitivo. Somente na terceira versão do Manual diagnóstico e estatístico de doenças mentais (DSM) o autismo foi separado do diagnóstico de esquizofrenia. Em sua quarta versão, 2003, o DSM-IV-TR informa: “Transtorno global do desenvolvimento com aparecimento anterior aos três anos de idade. As suas principais características são o comprometimento da interação social e da comunicação, além de um repertório muito restrito e repetitivo de comportamentos e interesses.”

O DSM-V (2013) reúne na denominação: Transtornos do espectro autista as categorias autismo, síndrome de asperger, transtorno desintegrativo e transtorno global e invasivos da infância definindo-o como transtorno neurológico. O autismo vem sendo incluído em categorias de disfunções, de deficiências reforçando o movimento cartesiano tão presente na aldeia global. Muito pouco, avançamos em prática teorizada ou teoria praticada. Como os autistas aprendem? Como criar políticas públicas que facilitem um caminhar diferente do atual? Muitas pesquisas têm sido

elencadas sobre o tema (SCHMIDT e BOSA, 2003), entretanto estes estudos são analisados dentro de uma perspectiva fragmentada – ora o autista, ora a dinâmica familiar e não há a ousadia de criarmos estudos em elos intercomunicantes (Morin, 2000) onde a dialógica do processo ocorra na relação autista e no complexo familiar. O estudo do autismo só terá validade se compreendido no contexto sócio-cultural onde foi gerado. Em 2014 é preciso ousar o entrelaçamento entre a psicanálise e as neurociências concretizando a riqueza da neuroplasticidade cerebral.

Neste artigo o autismo será considerado um estado de SER com modalidades diferenciadas de aprender e de criar elos com os outros humanos. É contestado o enquadre do autista na categoria de deficiente mesmo que de um lado compreenda o movimento pelo direito dos autistas. Autista é autista, um ser humano incógnito! Não cabe agregar deficiência antes de conhecer o potencial deste ser.

### **A Família no espelho. O início de uma pesquisa**

Desde 1982, o CEC investe em processos terapêuticos familiares afastando a ideia cartesiana da criança-problema. O investimento em novas tecnologias terapêuticas constituiu além da Escola de Autistas, a Escola de Pais compreendendo que a flexibilidade do cérebro permite em um programa intensivo a constituição de novas configurações tônico-emocionais, linguísticas, afetivas e sociais. A pesquisa do tipo qualitativa foi constituída inicialmente com dez famílias onde um dos membros apresentava o espectro autista. Os encontros aconteceram uma vez ao mês durante doze meses e teve como objetivo promover a reorganização do sistema familiar com a minimização do stress e ampliação perceptiva das competências e habilidades dos filhos.

A partir da permissão das dez famílias foi utilizada a filmagem dos espaços de família para visualização dos atos realizados com o autista em situações lúdicas. Em uma sala com tapete, caixas de sucata foram iniciados os trabalhos com todos os membros sentados ao chão. A proposta desenvolvida implica no convite à família para o espaço de família.

### **Ouvindo a família**

A família possui quatro membros – pai, mãe, a criança autista e o irmão mais velho que nunca esteve presente nos encontros, sendo justificado que no horário agendado o filho está na escola. Inicialmente o casal mostrava uma conjugabilidade em sua relação, estando sempre juntos nos encontros demonstrados na forma física de se sentar, conversarem e criarem estratégias para sua

família. Esta família foi encaminhada ao CEC após várias tentativas clínicas e educacionais frustrantes.

A mãe relata que seu filho foi desejado enquanto lágrimas escorrem em seu rosto. Informa que ele tem dificuldades em usar o vaso sanitário precisando de fraldas. No almoço não se alimenta sozinho e para o banho é preciso banhá-lo. Relata ainda que o que mais a incomoda é o avanço nas comidas quando o leva a alguma festa. É preciso segurá-lo e não aproveitamos nada da festa. “Ele parece um monstro!” finaliza. Informa que é nos momentos que ele vem para a “Escola de Autistas” “que ela descansa”. Por esta razão ele nunca falta! Seu pai é convidado a se manifestar. Fala da pena que possui por seu filho não falar e pela dificuldade de andar. Lágrimas escorrem de seus olhos.

É solicitado aos pais que brinquem com seu filho. A mãe se direciona ao filho enquanto o pai se mantém na cadeira. Pega a caixa de sucata e inicia a estimulação. Pega o barbante e oferece ao filho. Ele tenta pegar uma fita colorida, mas a mãe tenta chamar a atenção para o barbante, mas ele não reage. Volta o corpo para o pai, mas este não entra na proposta lúdica. A mãe chama a sua atenção, mas ele entorta o corpo em volta do pai. Este se mantém na cadeira, mas olha para o filho e o abraça.

Solicitamos que narrassem como se sentiram na atividade e logo depois foi passado o vídeo para o confronto dos dados verbalizados e visualizados. Também foram apresentados imagens das atividades que seu filho realizava na Escola de Autistas: sinalizava o banheiro, sentava de costas para lanchar com os colegas, relutava por gritos que aumentavam conforme não fazíamos o que desejava e conseguiu aprender a aguardar o lanche coletivo como técnica terapêutica. Todas as conquistas foram mediadas e supervisionadas por adultos após tentativas de agressão, choros, gritos desejosos de manter a estrutura rígida de seus comportamentos.

### **Repensando a mediação familiar**

A Escola de Pais possui o objetivo de ser um espaço de escuta dos pais de autistas mediando ações que permitam o tecer dos elementos com foco na organização familiar onde todos possam ser sujeitos desejantes e dominantes de sua auto-organização.

O confronto de imagens – as que eles possuíam e as que visualizavam foram suficientes para algumas mudanças de atitudes. Foi possível ao pai afirmar que não consegue dar limites ao filho

permitindo que faça o que bem deseja e que colocam o mesmo vídeo que ele gosta todos os dias para que fique quieto. As portas da casa são trancadas de todos os cômodos para evitar sua invasão.

Conforme puderam se olhar, se conscientizar dos espaços vazios entre si e seu filho ofuscados pela impotência foram abrindo novas formas de comunicação desvelando sentimentos, ganhando força em sua capacidade de dizer não ao filho, abrindo espaço para a entrada do outro filho que nesta configuração familiar era preservado como o filho perfeito e realizando tentativas de atividades sociais onde seus filhos interagiam em suas diferentes modalidades de aprendizagem.

Através da técnica da imagem o feedback permite visualizar a capacidade que cada membro utiliza para si e na direção do outro. Neste movimento em direção aos outros dois conceitos foram verificados: a violência primária e a violência secundária, termos conceituados por Piera Aulagnier. Estes conceitos foram escolhidos com prioridade por fornecerem condições ou não do surgimento da intencionalidade conforme anunciado por Prista (2004).

Aulagnier (1979, p. 38) chamou de “violência primária” a primeira interpretação que a mãe se outorga realizar dos sons de seu filho. É violência contra uma suposta autonomia porque neste momento, é a mãe que pensa pela criança, que atribui sentido as suas manifestações. Esta iniciativa da mãe é saudável e necessária para a sobrevivência infantil. A violência secundária já é considerada patológica porque é a manutenção da dependência ao discurso materno quando a criança já é capaz de se posicionar, mas seus pais não podem aceitar esta originalidade. “O objeto, a criança, persiste como garantia de um desejo que se refere ao ser e ao ter, ao tornar e ao dar, e este mesmo objeto torna-se o suporte do desejo que é formulado para a criança que nasceu.” Aulagnier (1979, p. 115). Nesta família a “violência secundária” é presenciada quando a mãe não conseguiu dar prosseguimento a busca do filho pela fita. Oferece precipitadamente o barbante. Em outro momento o filho busca o pai que não constrói com ele uma escuta e autoriza a mãe a trazer o filho de volta para si.

Aulagnier introduz em sua obra o corpo e suas sensações ampliando a formulação do aparelho psíquico elaborado por Freud. Informa que há o originário onde a criança não diferencia o pólo subjetivo da exterioridade. O ego está vinculado a linguagem que a mãe produz e que poderá ou não se apropriar, pois esta depende de outras configurações inclusive as sensações corpóreas despertadas na estabilidade e na unidade do contato. “A palavra materna descarrega um fluxo portador e criador de sentido que antecipa largamente a capacidade do infans para reconhecer e assumir a significação” (1979, p. 35).



Para Aulagnier (1979, p. 35) todo discurso inicial materno é alienante, mas o ego não é mero reprodutor. . Considera-o edificante e capaz de discriminar, rejeitar até o surgimento do enunciado autônomo e diferenciado. É neste primeiro momento – entre a identificação feita pela mãe e a feita pelo próprio ego que as fissuras surgem. No caso da criança autista os comportamentos estereotipados, comportamentos irritativos são expressões da tentativa do ego de rejeitar a manutenção de um discurso que não reorganiza o mundo interior. Se a mãe constantemente se adianta ao desejo do filho sem permitir espaços entre eles, não conseguirá significar diferenciadamente cada gesto, cada som e cada olhar, e criará o mecanismo de ser um “eu falando”, que faz da criança o destinatário de um discurso. No caso desta família o discurso materno é impeditivo da discriminação egóica.

A atividade no brincar espontâneo foi utilizada como estratégia de permitir o inconsciente se manifestar nos atos motrizes desenvolvidos, recapitulação de mediações cotidianas e que fornecem ao terapeuta condições de visualizar detalhes significativos na construção de fissuras ou de pontes.

Cabe ainda destacar o conceito de intencionalidade, característica básica da complexidade humana, pois para ser sujeito histórico tenho que ter consciência do que falta e do como me dirijo às metas escolhidas. Mas com o uso da violência secundária esta característica não possui terreno para emergir.

Nesta família a fragmentação de vínculos, o empobrecimento da potencialidade dos recursos de maternagem e paternagem, a impotência paterna autorizando a onipotência materna, a distorção do sentido de aprender, a manutenção da criança em estados cognitivos pré-verbais são evidenciados.

Conforme seus pais foram percebendo suas atitudes e conseguiram frear seu próprio discurso, criando espaços de silêncio e de possibilidades do exercício do filho por mais inconsistentes que possam enunciar conseguiram criar novos tecidos familiares onde o possível é infinito. Isto tem garantido a família um novo movimento de tentativas e de possibilidades que criam uma nova versão da história familiar.

O autista longe dos estudos cartesianos neurobiológicos pode atingir a capacidade de pensar e falar desde que a violência secundária seja interdita nos primeiros anos de vida e que a esta criança seja oportunizado um espaço clínico de (re) construção psíquica onde o balanço, a unidade e a organização possam ser experimentados corporalmente de forma que o ego assuma a edificação de um sujeito histórico.

## Referências

- AJURIAGUERRA, J. – **Manual De Psiquiatria Infantil**. São Paulo, Editora Masson, 1976, 983 p.
- AMA, Associação dos amigos autistas, disponível em: [www.ama.org.br/site/web-link-da-ama/138-instituicoes.html](http://www.ama.org.br/site/web-link-da-ama/138-instituicoes.html)  
Acesso em 10 de abril de 2014.
- AULAGNIER, P. **A violência da interpretação**. Rio de Janeiro, Ed Imago, 1979, 284 p.
- MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo, Cortez, 2000, 102 p.
- PRISTA, R. **Superdotados e Psicomotricidade**. A Complexidade Humana em Questão. Rio de Janeiro: CEC, 2004, 280 p.
- SCHMIDT e BOSA, 2003 A investigação do impacto do autismo na família. **Interação em Psicologia**, 2003, 7(2), p. 111-120.